

# ECOS DE GUIMARÃES

VII ANO — N.º 39

GUIMARÃES, 26 DE AGOSTO DE 1923

Redacção e Administração  
R. Gravador Molarinho, 45  
GUIMARÃES

ORGÃO MONARQUICO

Director, Propr. e Editor  
João Pereira da Costa

Comp. e Impr. Typ. Lazitania  
R. Gravador Molarinho  
GUIMARÃES

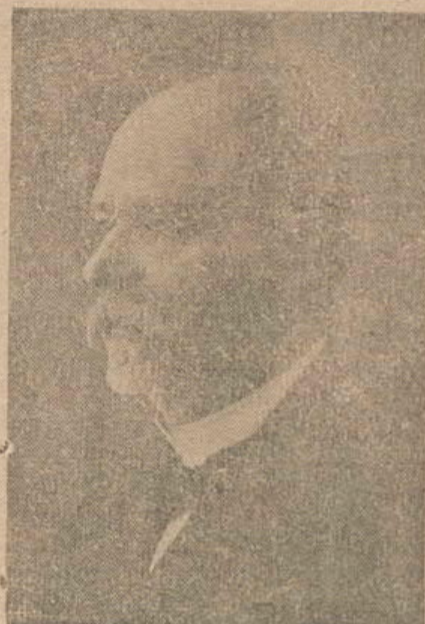
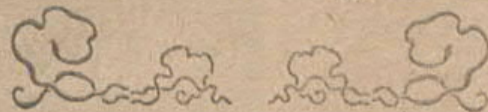
## Exposição Industrial e Agrícola de Guimarães



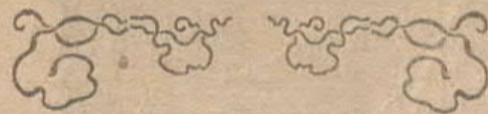
**João Rodrigues Loureiro**  
1.º Secretario

Porque veio Loureiro parar a Guimarães? Sabe-se lá! — Afinidade de caracter integro e decidida vontade em trabalhador honesto. Venceu. Mas ficou vencido. Bem acima do seu modesto mealheiro porfiadamente ganhou no tempo difícil em que a probidade era oiro, ele colocou o seu amor a Guimarães e ainda hoje não sabe qual é o sacco mais fundo — se o seu coração em ternura, se o seu bolso em sacrificios. Mas é o seu coração.

*Eduardo d'Almeida.*



**Manuel M. Barbosa d'Oliveira**  
Presidente



**Francisco Martins**  
2.º Secretario

Alma singela onde ruge a tormenta dos mais nobres sentimentos. Entusiasta da velha raça — o coração sempre moço de fé quando peregrina de amor à sua terra. Caixa — e o sólido fundamento da associação de classe.

Comerciante, desprende-se do interesse, e, como qualquer marçano, está às horas de abrir, o mais respeitoso e dedicado dos empregados.

Tem, numa intelligencia aberta, cultivada pela experiencia a irresistivel impulsão da sua querida terra natal. Gravata desleita, caracter limpido, formosissimo coração. Descubran-se — devemos-lhe amor e gratidão. *E. A.*



**Camilo Larangeiro dos Reis**  
Tesoureiro



**Domingos Martins Fernandes**  
Director



**Manuel C. Martins**  
Director



**José Mendes de Oliveira**  
Director

Foi o que todos previam. Bela. Optima. Um titulo de gloria para a nossa terra. Muitas localidades tem realizado as suas exposições. Mas, sem receio de desmentidos, podemos afirmar que nenhuma atingiu o logar da nossa. Representa a Exposição de 23, o esforço dum concelho que tem caminhado e que quer andar ainda mais. Mostra um producto de energias como igual não ha em outra terra de Portugal. O velho burgo de Senhor Rei D. Afonso Henriques, viveu, neste ano, dias de inolvidavel memoria. Vestiu-se de galas para receber os seus visitantes. Encantou-os com as maravilhas das suas paisagens.

Patenteou-lhes dezenas e dezenas de fabricas, amostras da sua actividade. Apontou-lhes, lá em

cima, o velho castelo, velhinho de seculos, lembrança duma nacionalidade nascente. E na sua sala de recepções — o Toural — disse-lhes que aquele que lá está, ameaçador mesmo agora, é uma grande figura de Rei, é o filho de Henrique de Borgonha, Rei a quem a terra onde teve a sua corte e que foi teatro de tantas das suas façanhas, venera como se fosse um Santo. Disse-lhes que a Penha lhe pertencia tambem. Mas disse-o a medo. Que a Penha, como está, não passa dum belo amontoado de penhascos. F teve vergonha de dizer alto que a Penha era sua, porque os visitantes sabem que Guimarães tem dinheiro, muito dinheiro e não teve ainda a coragem de empregá-lo no aformoseamento da montanha que

vale tanto como Santa Luzia que já tem um belo hotel e elevador e pode valer mais que o Bom Jesus quando aqui houver quem lhe queira bem. E lembrou-lhes que S. Torcato — logar de milagre — é do concelho, que o Pevidem — industrial até não mais — quer rivalisar com a sede do concelho em actividade, que as Taipas, de curas grandes, não obstante, um dia querer separar-se da velha Vimaranes, se arrependeu desse pecado; que as Caldas de Vizela, é tam amiga da mãe que, sabendo que o dinheiro que produz, mesmo na batota, não chega ao seu destino, — as casas de beneficencia — ainda assim o dá. Diz e disse tudo isto aos visitantes, mas acrescentou que se as suas festas foram um prodigio, uma coisa grandio-

sa, o deve a alguns dos seus filhos que lhe dedicaram toda a sua votade, todos os seus esforços que foram sobre humanos. Guarda desses seus filhos immorredora memoria e apontá-os-á aos que vierem, como homens que podem e devem imitar-se. A Associação Commercial — com a sua excelente direcção á frente — bem merece do concelho. Sam benemeritos que não olvidaremos. Quando outros predicados não tivesse, este lhe bastava — promoveu a Exposição Industrial e Agrícola. Barbosa de Oliveira com a sua circunspecção aliada a um ti no admiravel Rodrigues Loureiro, com a generosidade da sua bolsa de milionario; Francisco Martins com o seu trabalho que se não pode — por mais que se

— avaliar; Larangeiro dos Reis sempre a meditar no que mais conviria ás festas; Mendes de Oliveira, Manuel Martins e Martins Fernandes auxiliares dos millores, sam os vimaranenses a quem prestamos as homenagens das nossas saudações e os protestos da nossa muito estima.

E os Empregados do Comercio que tanto se esforçaram para que a Marcha Milaneza fosse um dos millores numeros das festas?

Que diremos deles? Simplemente: mantiveram-se á altura do que deles se esperava. Pena foi que os encarregados da condução de alguns dos numeros da Marcha se não portassem até ao fim, ditrelinhos, apumados, de molde a que a bela Marcha fosse no fim o que foi no principio. *J. de B.*



## A Festa do Trabalho A Exposição Industrial e Agrícola de Guimarães

### As Festas Gualterianas

Vencidas todas as hesitações e caminhando através de inúmeros sacrifícios e dificuldades, alguns homens de acção, ajudados pela boa-vontade de muitos, conseguiram levar por diante o seu propósito de criar, pela Exposição, um nome de destaque á terra carinhosa de Guimarães.

A Exposição é um empreendimento de valor e de alto alcance social e económico.

Revela aspirações nobilíssimas, traduz esforço e vontade, representa sacrifícios, trabalho, dedicações e amor.

A Exposição Agrícola deve criar estímulos, deve desenvolver actividades, deve preparar terreno, deve incutir no atraso dos nossos agricultores a perfeição e processos novos de cultura, para que ela caminhe prosperamente, não deixando desmerecer os louros que conquistou.

Se assim dizemos, é porque julgamos não dever os agricultores prepararem-se só convenientemente para uma Exposição. Convenientemente e persistentemente também para os mercados, o que equivale dizer caminhar com segurança, com vantagens e com o propósito de conquistar nome e riqueza produtiva.

Uma Exposição é sempre um estímulo e um reclamo patenteado.

Das festas, que dizer?

Que vão ser maravilhosas, que vão ser lindas, que vão ser encantadoras.

Que dizer mais?

Descantes, festadas, o luxo e a alegria das aldeias no movimento barulheiro da cidade.

Que dizer mais?

Ver, para dizer depois.

A. B.

### O que saiu da Exposição; o mais que deve sair

Dr. Eduardo d'Almeida trabalhou no seu livro primoroso, a Romagem dos Séculos. A. L. de Carvalho organizou o «Roteiro» de Guimarães. Capitão Pina elaborou duas plantas de utilidade e interesse. A cidade reagiu. Isto são elementos de vida. Agora precisamos, como em artigo disse o nosso presado amigo sr. Alberto Vieira Braga: uma rede telephónica; electricos entre Braga e Guimarães; edificios publicos, limpos e decentes, estação do Correio, e a criação do arquivo municipal.

A terra merece.

Tudo isto não passará ao rol do esquecimento, porque sobre tudo isto voltaremos a falar.

A Exposição Industrial e Agrícola que este ano se realiza na cidade de Guimarães é, assim o creio, o meio de uma politica regionalista cujo fim deve ser não só o desenvolvimento do commercio e industria locais, mas também o propósito firme de mostrar a todo o paiz o quanto vale o centro industrial e comercial desta velha e laboriosa cidade.

A politica regionalista que nestes ultimos tempos tem progredido duma maneira verdadeiramente assombrosa e que visa a um objectivo inteiramente nacional, não tem sido até hoje bem compreendida.

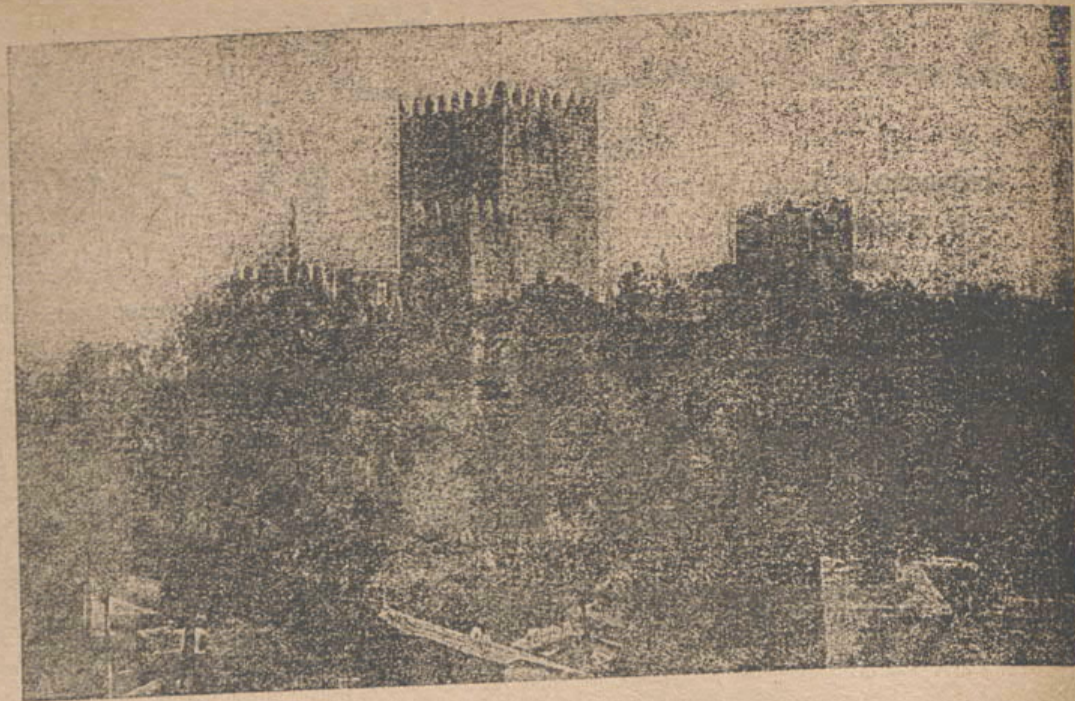
Diferentes terras do nosso paiz tem realizado certamens de productos locais. A cidade de Guimarães—uma das cidades mais industriais e comerciais de Portugal—compreendendo bem o valor e o alcance dos referidos certamens, sentiu a necessidade de immediata e prontamente levar a efeito uma exposição, na qual apresentasse a todos os seus visitantes tudo aquilo que nesta cidade se fabrica e produz. E, porque considero estas exposições dum valor verdadeiramente incalculavel, é que eu venho nas colunas deste jornal, que tanto e tanto tem trabalhado a favor de Guimarães—apresentar os meus sinceros aplausos por tão feliz, tão bairrista e não menos patriótica ideia, fazendo votos para que ela continue a perdurar atravez longo tempo no espirito daqueles que a lançaram a publico e tão brilhantemente a executaram. Porque será que assim penso? Porque considero que o povo português, em questões de commercio e industria, é essencialmente anti-patriótico... Só é bom o que é estrangeiro... O que é nacional nada vale... Daí, a grande vantagem e o incontestavel valor destes concursos.

B. CALDAS.

### Visitantes ilustres

Visitaram a Exposição Industrial e Agrícola Contelha milhares de pessoas que impossível se torna mencionar todos os nomes. De entre tantos conseguimos reportar os seguintes:

Conselheiros Luiz de Magalhães e Luiz Teixeira Lobato, Condes do Paço de Victorino, Barão de Pompeiro de Riba Vizela, Almirante Policarpo de Azevedo, Engenheiros Alberto V. d'Araujo e Jaime Nogueira de Oliveira, dr. Pedro Vitorino e muitos outros.



Castelo de Guimarães

## O Castelo Velhinho



D. Afonso Henriques

Nascido e baptisado em Guimarães e fundador da Nacionalidade Portuguesa.

Tisnado pelos sois, de musgosas ameias  
parecendo escutar o canto das aldeias,  
tão triste espreita os Céus!  
D'oito sec'los de vida nessa soledade,  
quanta noite passada em trevas de saudade  
á espera de Trofeus,

Á espera de trofeus das eras já remotas,  
de vassalos e Reis, cavaleiros e frotas  
que se foram ao mar!  
Velhinho, doidamente em noites invernosas,  
ora geme baixinho estas canções vaidosas  
ora fica a sonhar.

—Praga de S. Mamede, bem te veja!...  
Que atrozes cicatrizes dum desejo  
a espada te esculpiu!...  
Morre Treza que os beijos em creança  
só serviram de faca de matança  
quando a Patria o exigiu...

Ai, Leões furibundos de Castela  
tentavam apagar tão viva estrela  
e viram-na fulgir.

Reparai bem em volta das muralhas,  
Couraças capacetes, lanças, malhas  
tudo, tudo partiri!

Uivos e raiva, só raiva e destroços  
mistura de granito e sangue e ossos...  
Nação eis tem valôr!

Desçam até os lobos da montanha  
Que de pé ficarás mais grande e estranha  
entre a invêja e o rancôr!...

O canção, despejos, pó de Ourique  
magua gloria dum Rei filho d'Henrique  
estes portais entrou!

Eu assisti ao desfilar de lanças  
sobre a terra, que em sonhos de esperança,  
o mundo conquistou.

Eu vi as velas brancas Tejo fóra  
sem dó do pobre velho que aqui chora  
singrarem mais e mais,  
Acenei-lhes co'aalvura da bandeira...  
Não se viram na grande cachoeira  
das ondas sem rivais!

O Grão conquistador que tive outróra  
dentro da vista que negrêja agora  
esse disse-me adeus!

Quem sabe se, como eu, inanimado  
agora, entre baldões, terá passado  
dias eguaes ao meus

Recordações da minha mocidade,  
Rija impressão dos dias da orfandade  
aquí vivas estão!

Mandaram-me espera... deram-me um manto  
deste virgem azul que adoro tanto...  
Eles não voltarão?!

Não abrigarei mais dentro do seio  
a reboada de heróis que em bronze leio  
ter seguido daqui!

Lagrimas, sede o unico confôrto  
para quem quase esfacelado e morto  
sinistramente ri!



Comissão Executiva da Marcha Milaneza

Sentados: José R. Abreu, Antonio Almeida, Cipriano B. Guimarães e João S. S. Ribeiro  
De pé: João Dias P. Castro, Americo Ferreira, Daniel Machado, Francisco S. Correia e Aurelio Ferra

R. ESTEVES



**o turismo em Portugal**

A velha cidade de Afonso Henriques está sendo visitada por milhares de forasteiros, que de várias partes veem, em âncias diversas, observar, ver ou estudar todo ou parte do património riquíssimo e sublime, que os tempos passados foram chegando a este cantinho minhoto, que se chama Guimarães.

E bem o merece a velha cidade dos linhos, o berço augusto de reis, que souberam separar do resto da península, esta orla esplendente, que o mar oscula com amor em toda a extensão, que é o velho Portugal.

Atraídos pelo brilhante programa das festas Gualterianas, os forasteiros chegaram. Mas aí!, d'ali a horas partirão e a velha cidade ficará apenas entregue ao sabor quotidiano do seu comércio e indústria.

E Guimarães é toda ela um museu riquíssimo e variado, que só por si deveria chamar ao seu seio milhares de turistas por ano. Os seus templos, os seus monumentos, os seus museus, o seu velho Castelo de granito sujo, que ao longe se destaca, numa silhueta mística, do verde clorofílico da vegetação, coroando a cidade, deveriam ser outros tantos chamarizes perenes de turistas, nacionais e estrangeiros.

O seu velho castelo, que, para ser tão maravilhosamente resplendente e poético como esse do rei Artur, que o mar de Cornwall ternamente oscula em ondas gementes de eterna magia, só lhe falta aquele ululante mar de vegetação clorofílica, que um pincel e o talento de um artista desenharam, em projecto, á sua volta; esse velho castelo deveria valer para Guimarães tanto como as acrópoles helenicas valem para Atenas, ou as montanhas austrias e viridentes para a Suíça.

E, como em Guimarães, quantas outras cidades, vilas e lugares por esse Portugal fora, possuem valiosos documentos que deveriam ser apreciadíssimos por aqueles nacionais e estrangeiros que conhecem a historia sublime deste povo de mareantes, de artistas, de poetas!

Isto sem falarmos nas belezas naturais, no clima, nos horizontes, de que Portugal, á semelhança da Suíça, poderia tirar recursos incomparáveis. Mas o problema do turismo em Portugal está ainda por resolver.

O turismo é para alguns países o pêso invisível que muito influe no equilibrio das suas balanças economicas. E' uma fonte invisível de capital. Quanto ouro entra anualmente na Suíça, na Italia, na França, na Grécia!

Na Italia, antes da guerra, entraram 70.000 contos; na Suíça, 40.000; na França, 96.000.

Portugal que possui, como estes países, artes, monumentos historicos, belezas naturaes encantadoras, empolgantes horizontes, um clima ameno nas regiões banhadas pelo mar, não tem sabido aproveitar esta fonte de receita tam convenientemente como era necessario.

A falta de bons hotéis, de boas estradas, de caminhos de ferro, de propaganda, etc., é a causa principal do desaproveitamento deste grande factor de importação invisível de capital.

Contribua cada terra de per si para melhorar os seus hotéis, as suas estradas, os monumentos, os horizontes, todas as suas belezas enfim, para ver se é possível conseguir-se um conjunto harmonioso e lindo, capaz de atrair a este jardim de encantos mesmo as libras americanas.

Famalicão, Agosto de 1923.  
A. VELOSO DE ARAUJO.



**João Gualdino Pereira**  
Presidente das Festas no ano de 1910

Era um cavalheiro distinto de maneiras e afável no trato.

Por Guimarães trabalhou, tendo em cada filho de Guimarães um culto de amor e de saudade.

Morreu novo.

Os bons, vão-se de pressa.



**Eduardo M. d'Almeida**  
Presidente das Festas nos anos 911 e 14

Era um homem de fino trato, franco, leal, honrado, homem que acolhia a miseria e tinha palavras de conforto para a desgraça. Morreu pobre.

Inteligente, organizador, homem de acção e coração.

Morreu cedo.

A nossa terra deve-lhe muito.

**AGRADECENDO**

A todos os nossos presados amigos que colaboraram no presente numero, e a todos os que trataram da propagação das Festas e Exposição no "Ecos de Guimarães," as nossas desculpas por qualquer falta involuntaria e o nosso profundo reconhecimento.



**João Fernandes de Melo**  
Presidente das Festas nos anos de 906-7



**Dr. Eduardo d'Almeida**  
Presidente das Festas no ano de 1915



Sede e propriedade da Associação Comercial



**José de Freitas Costa Soares**  
Presidente das Festas no ano de 1913

A Associação Comercial e Industrial de Guimarães é uma colectividade que marca no nosso meio

Esta direcção, composta de homens de grande amor á terra e de dedicações ao sacrificio soube impor-se á consideração de todos e criou um nome de destaque e de respeito á sua instituição.

Homens que levantaram, que reorganizaram e que melhoraram a sua sede. Louvores.



**Guilhermino A. Barreira**  
Presidente das Festas no ano de 1915

**Venham até nós**

Para que nos fiquem estimando

As republicas organizando o seu dia de descanso das suas actividades civicas, assim como a igreja a sua folhinha de domingos e santos de festas religiosas admira que as corporações aduzindo igual sentido de acção social realizem, ao modo que a Roma imperial, a grande festa — a Festa da Ade.

O que admira algumas vezes é que nem todo o filho ou filha da terra se associe e se entregue para dar á sua festa a sua maxima de esplenor. Que, digamos, não é o caso das «Gualterianas» de 1923. Teem-se empenhado no programma de trabalho — o comércio, a industria, a agricultura, o que equivale de facto a toda a população a ela se entregou, oferecendo-lhe o seu curso, a sua simpatia.

E para quê? E porquê? De simples é de o saber. Guimarães quer, por uma afirmação de trabalho colectivo, dizer aos homens do alto — que também faz parte integrante, social e geograficamente, da patria portuguesa. Teem-se esquecido de nós! Guimarães, a velha cidade industrial tem sido olvidada e, contudo, a cidade de heraldicos brasões jamais deixou de patentear a sua bem portuguesa pelo carácter pelo civismo, pelo seu fecundo e incessante labor.

Teem-se esquecido de nós; e para que reparem mais em nós — na nossa bem amada e mal servida terra — que hoje embandeirando em arco, florindo as ruas lavando e arejando o burgo antigo, abrimos as nossas portas de par em par convidando o país a visitar-nos.

E? que a nossa festa não tenha apenas a fantasmagoria dos grandes e soberbos arraiais minhotos; as musicas e os foguetes das grandes funções populares. As «Gualterianas» de 1923 marcam por outro motivo de mais alto sentido e de mais solene realce: — a Exposição Industrial e Agricola ha pouco inaugurada, vale, só por si, todo um programa. Ela se patenteará pelo espaço de todo o mês. Será, por isso, uma festa de trabalho — e fica bem convidar o país a que venha até nós, pois queremos que nos fiquem conhecendo melhor, certo que, depois, nos ficaremos a estimar mais.

A. L. DE CARVALHO.

**Visita da Imprensa**

Do Porto á Exposição de Guimarães

Na segunda-feira passada visitou, a convite da Associação Commercial de Guimarães, o nosso certamen do trabalho, a imprensa do Porto, representada pelos enviados especiaes do «Janeiro», «Noticias», «Comercio do Porto», «Montanha» e «Tribuna».

Foi-lhes servido um primoroso banquete, assim como á imprensa local e correspondentes dos jornais de Lisboa e Porto. Falaram varios convidados, salientando-se pelo primoroso discurso o sr. Dr. Eduardo d'Almeida.

Visitaram a Exposição e das suas impressões é lêr o que os jornais disseram.

E não disseram demais.



EXPOSIÇÃO

Em frente á secção trabalhos domésticos

Quando os nossos olhos pousados em todo aquele encheção da exposição que Guimarães apresenta aos seus olhos ilustres, em frente das secções em que aparecem os trabalhos domésticos que mãos hábeis de mulheres fizeram em horas felizes de labor, sob a bênção condutora dos tectos das suas casas brancas, pela nossa passagem os períodos gostosamente transcrevem do interessante livro *O Feminino Agrícola*, do nosso presado amigo Sr. Dr. Alberto Veloso d'Araujo, ilustre Engenheiro Agrônomo em exercício:

Necessário é, desde já, sem as proteções aproveitar uma coisa que se perde em parte, ou que tem sido mal aproveitada: o trabalho da mulher camponesa, que tem pelo trabalho um culto, e é uma segunda religião.

Segundo as estatísticas da população, em 1911 havia 781.669 mulheres ligadas aos cultivos da terra, pessoas de família em ocupação doméstica lucrativa. São quasi 782 mil inteligências desaproveitadas, que arrastam pelos campos uma vida ignorada, talvez miserável e sacrificada, maldizendo, quem sabe, a terra em que nasceram e odiando a sociedade que as abandonou! São quasi 782 mil capacidades de trabalho, que se podem aproveitar no desenvolvimento cultural dos nossos campos. Que auxílio para elas e para seus a habilidade e a paciência tirariam da cultura da avicultura, da floricultura e de tantas outras explorações domésticas, que são outras tantas fontes de riqueza, que tão bem se coadunam com a delicadeza e a afabilidade da mulher!

Ha-de ser com a mulher portuguesa instruída técnica e cientificamente que muitas riquezas se não de criar para o bem geral. Criará e desenvolverá um grande numero de culturas domésticas, de onde resultará um bem entendido equilibrio da fortuna individual.

A cultura do linho voltará a ser florescente, mais ainda do que foi, desde que na sua cultura se sigam os métodos aconselhados e se importem as máquinas necessárias para a sua fiação.

O linho, o nevado linho dos avitos enxovais, dos bragais antigos, voltará a encher as arcas de castanho perfumado com rosas e alecrim.

As cantigas voltarão com elle e assim á aldeia, principalmente á aldeia minhota ser-lhe-ha de novo entregue o patrimonio santare as espadeladas e os seus amanhos diversos, voltará tudo o que outr'ora constituia uma das mais poeticas manifestações do nosso povo.

Ha-de ser a mulher instruída que ha-de opor um dique á onda assustadora da emigração e do urbanismo, cujos alicerces serão o conforto do lar — o santo lar da familia que se sentirá sempre risonha e satisfeita sob a protecção inteligente e boa dos braços paternais, dêsse lar muito branco e muito nôsso, que se destacará entre o verde clorofino da

(Continua na 6.ª pag.)



Edifício da Exposição

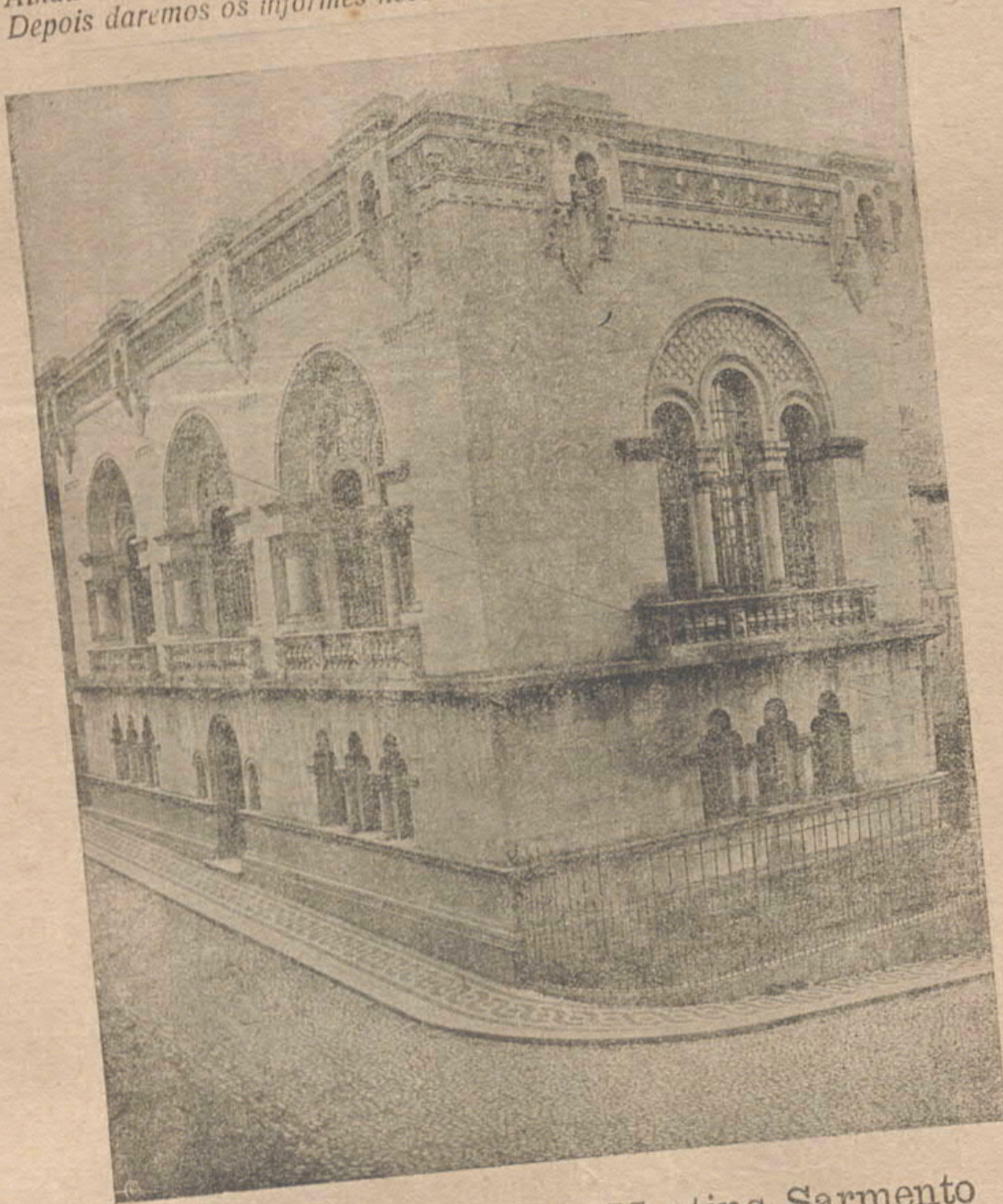
O Juri da Exposição

Sexta-feira passada chegou a Guimarães o Juri que ha-de classificar os expositores.

Sabemos que esse juri, ou melhor, esses juris, que foram divididos pelas secções respectivas e da especialidade dos membros, é um juri composto de homens de isenção e de independência.

Andou bem a direcção da Associação Commercial.

Ainda nada se sabe da classificação do juri. Depois daremos os informes necessários.



Edifício da Sociedade Martins Sarmiento

A Sociedade Martins Sarmiento, é uma das instituições mais queridas de Guimarães. Por lá passaram os homens de valor e de sciencia, como Martins Sarmiento, Alberto Sampaio, Avelino Guimarães, Abade de Tagilde, João de Meira, etc., etc.

Tem o seu nome ligado ás Exposições de 1884 e 1923. Protege a instrução e cuida de Guimarães.

A' sua frente está o nome do Dr. Eduardo d'Almeida, homem de valor que dá valor á terra.

E' pena ser uma instituição pobre de capitais. Mas é rica de espirito, porque alem de melhorar consideravelmente os seus de arqulogia e numismática, publica a sua Revista, e organiza conferencias de estudo e arte.

Do nosso leitor e assinante J. P. N. recebemos uma carta que, por a acharmos justa, gostosamente a publicamos.

Faz umas referencias que com elas concordamos, referindo-se tambem a um programa do nosso presado amigo sr. Alberto Vieira Braga, que foi muito apreciado, mesmo pela imprensa de Lisboa e que não vingou.

Sr. R. do «Ecos de Guimarães»

Permita-me v. que no conceituado jornal que tam proficiente mente dirige, manifeste dois sentimentos verdadeiramente antagónicos, um de entusiasmo, outro de espanto. O entusiasmo provem da bela, da admiravel exposição que ha dias visitei. Percorri-a com minucioso cuidado, aborreci a minha pressa de sempre, porque vi de vagar, muito de vagar, e senti orgulho de ver uma terra que tanto e tam bem produz.

Admirei tudo, mas o que mais me agradou foi sem duvida o Stand da Marcenaria Neves e o das Cutelarias. Que primor de mobiliario, que beleza, que perfeição.

Não se faz, no Paiz, tam bem, e os srs. Neves sam homens de gosto, são a honra de Guimarães. O das cutelarias honra a terra no que ela tem de mais regional. Visitei tambem uma casa, tipo regional, com alguns tarcos de lavoura, que não estava mal engendrada. Mas porque se não efectivou a ideia de Alberto Braga, modesto ao exagero e que vale tanto, ideia que expôs no jornal de v.?

Pena foi que tam belo alvitre não fosse levado por diante porque esse numero da exposição seria dos melhores. E porque se tratava de verdadeiro regionalismo é que o meu espanto foi grande por o não ver praticado.

Porque não vingaria a ideia do sr. Alberto Braga?

Acaso não seria na generalidade, o programa por aquele sr. aqui, neste jornal, publicado, um programa completo e de cunho verdadeiramente ligado ao assunto?

Foi pena que a ideia não fructificasse, para vermos então uma verdadeira e completa secção de industrias caseiras.

De V.  
O leitor

J. P. N.

Eduardo d'Almeida

“ROMAGEM DOS SECULOS,,

— O Pão nosso de cada dia... —

Subsidios para a historia economica de Guimarães

A' Venda nas Livrarias

Exposição Industrial e Agrícola de Guimarães

Aberta todos os dias das 10 ás 19 e das 20 ás 23.

As quintas e domingos á noite, no recinto da exposição, festivaes e concertos pela Banda de Infantaria 20.

Domingos, terças e quintas ha comboios de regresso a Vizela ás 9,15 (14, 114).

Serviços de Restaurante e Telegrafo Postal.





A. L. de Carvalho



Padre Gaspar da Costa Roriz



Alberto Vieira Braga

Membros da Comissão de Propaganda

As Nossas Festas

Os que trabalharam pela Exposição e pelas Festas

E' me deveras aprazível escrever duas linhas acerca das nossas Festas. Não é por certo a humilde expressão das minhas palavras que vai aproar os seus promotores. Mas as almas generosas que a dentro do trabalho buscam os verdadeiros louros do triunfo, hão-de saber perdoar a ousadia que a minh'alma nos devaneios constantes da sua mocidade, acalenta. Mesquinho de mais para apreciar tam grande obra de esforço e vontade, eu não pretendo exaltar as qualidades dos que contribuíram para a realização das Gualterianas. Essas qualidades de sobejo conhecidas por todos, não precisam de outro testemunho que não seja o exito formidável da Exposição. Sómente deixo voar ao sabor da briza, uma alma que se embebe no fogo romântico duma apoteose ao torrão querido. Elevar as qualidades desta terra que foi berço duma pátria de nautas temerários, torná-la querida e admirada daqueles que esqueceram a sua historia tradicional, eis o sonho ambicioso de todos os que se prezam de ser seus filhos, de todos aqueles que se orgulham de ter nascido á sombra secular do castelo que embalou na sua infancia os sonhos guerreiros de Afonso Henriques. E eu como vimezanense orgulho-me por ver a forma grandiosa e sublime, com que os meus conterraneos realizaram tal sonho.

Foi uma apoteose soberba que excedeu todas as expectativas, a forma brilhante como se realizaram as nossas Festas. Não tenho

Dos mais que trabalharam é preciso falar-se tambem. E são eles tantos!

Coadjuvaram os homens de iniciativa os Srs. Capitão Fraga, Luiz de Pina, Manoel Moreira, Manoel Pereira Mendes, Manoel R. Guimarões, José S. Gonçalves, Antonio Almeida, (presidente A. E. Comercio), Gualdino Abreu Pereira, Alberto Vieira Braga, Jeronimo Sampaio, A. L. de Carvalho, Dr. Alberto M. Fernandes, F. Pereira Mendes, Dr. Fernando Chaves, Drs. Adelino Jorge e Alfredo Peixoto, etc., etc.

Todas as comissões das ruas ornamentadas, e todas as comissões de elaboração e trabalho. Frisamos tambem o nome da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Almeida, etc., etc.

palavras com que exprima a alegria que me vai na alma, nem frases inspiradas com que teça o elogio que merece tal obra. Sómente tenho guardadas no fundo de minh'alma lágrimas de saudação, para todos aqueles que contribuíram para tam grandes Festas.

Agosto de 1923.

E. GONÇALVES.



José de Pina

Admiravel concentração num corpo fraco do que ha de mais belo e puro na alma vimezanense: intuição, gosto, persistencia, energia de caracter, apêgo ao trabalho, a mais simples bondade e o mais sincero e puro altruismo: amor á familia, á sua Guimarões, á sua Patria.

Eduardo d'Almeida.

Modesta Homenagem

O muito trabalho que tivemos nas oficinas, por ocasião das festas, ainda hoje nos impossibilita de organizar o presente numero mais completo em coloboração e gravuras.

O pequenino esforço que fazemos para publicar este numero melhorado, oferecemo-lo como homenagem aos que ao serviço das festas e exposição poseram todo o seu carinho e amor por Guimarões.

A Canção da Mocidade

Os Empregados de Comercio de Guimarões na 'Marcha Milaneza' de 1923

Juntai os raios do sol, os cantos do luar, toda a poesia do mar, das flores toda a beleza; pedi hinos e canções ao mais genial artista: ficais a perder de vista ante a Marcha Milaneza.

Onde ha sol que se compare, ao brilho de tanta luz que nos encanta e seduz com sua meiga poesia? Oh! não tem mais brilho o sol nem mais luz, nem mais calor... A Marcha é o sol do amor no ceo da nossa alegria!

Erga-se em ondas o mar, em fúrias como um leão, ou se espraie em mansidão como um lago... com certeza, fica prostrado, vencido, ante o brilho e a magestade com que a nossa mocidade tira a Marcha Milaneza.

Flôres dos nossos jardins, dos prados formosas flôres, vosso aroma, vossas côres vossas petalas mimosas não passam hoje dum simbolo, não são mais que uma figura, que nos fornece a Natura das nossas damas formosas.

Foge, lua, envergonhada, refira-te lá dos ceus: tem mais encantos que os teus esta Marcha!... O teu luar fica ofuscado, sem brilho, ante as formosas donzelas, ante estas lindas estrelas, ante a luz do seu olhar!

Belos hinos triunfais, linda canção portugueza, nesta Marcha Milaneza canta o nosso coração. E' simples o nosso canto, mas p'ra nós dum allo preço: — «Guimarões, o teu progresso, eis a nossa aspiração!»

P.<sup>e</sup> GASPAR RORIZ



Capitão Mário Cardoso



Abel Cardoso



Capitão Luiz de Pina

Membros da Comissão Técnica



# A Lavoura de Guimarães

**Impressões duma visita à secção Agrícola da Exposição Vimaranesa — Conversando com o Sr. Dr. Mota Prego — O fabrico do azeite no Minho — 58 de acidez! — A produção da lã — A região de Guimarães que tem 1.800 ovelhas, podia ter 20.000 — Os vinhos verdes.**

Servi-me de amavel *cicerone* na secção agricola da Exposição Industrial e Agricola de Guimarães o distincto agronomo sr. dr. João da Mota Prego, conforme no meu artigo precedente informei.

Falamos d' *A Epoca* e especialmente da sua secção agricola, para cujos directores o benemerito divulgador da sciencia agricola teve palavras de amabilidade e encómio.

Andava na azafama dos ultimos aprestos da Exposição, que devia abrir naquela tarde o vice-presidente do Sindicato Agricola de Guimarães, coronel sr. D. João Péixoto de Bourbon Lindoso, que me indicou, como informador, o auctor da *Horta do Tomé*.

O sr. dr. Mota Prego, que faz parte da Commissão Organizadora, lhe dará esclarecimentos preciosos e que eu não teria saber nem tempo para lhe prestar neste momento.

E vai d'hai, fui aonde o illustre agronomo, que me acolheu com a benevolencia de que acima dou parte.

Começamos a visitar os *stands* e ao mesmo tempo o sr. dr. Mota Prego ia respondendo ao questionario do jornalista.

— A Exposição denota sem duvida um certo progresso — disse.

E patando junto das tarefas de um lagar de azeite, comprehendendo bilhas, talhas de depuração, etc. e um mostruario de azeite fabricado — tudo exposto pelos agricultores srs. J. Magalhães Couto e F. Magalhães Couto, proseguiu:

— A comprovatio está isto que vê e que se pode considerar, por assim dizer, o *clou* da secção agricola.

«Como sabe (o jornalista teve vergonha de dizer que não sabia nada...) o azeite era até hoje fabricado no Minho pelo sistema de vara, como no tempo de Virgilio; Estes expositores fizeram o primeiro lagar pelo sistema moderno existente nesta região.

E depois de me explicar meadamente o funcionamento de cada peça das tarefas:

— Os azeites regionaes eram de 11 a 12 graus para cima. O ano passado chegou a fabricar-se e a consumir-se azeite com 58 graus de acidez!

— Devia ser detestavel — interrompi.

— Um perfeito veneno — disse o sr. dr. Mota Prego. — Eu julguei que os camponezes que o consumiram morreriam. Pois os paladares estão tam estragados e os estomagos tão acostumados a esta estriquinina, que não morreu ninguém!

Explica-me em seguida o que é e como funciona o *aparador* Mota Prego, com grande copia de termos tecnicos que não tenho tempo nem espaço para reproduzir, e prosegue.

— O aperfeiçoamento de fabrico do azeite em Portugal começou depois do meu regresso de Italia, aonde fui estudar os metodos modernos. Publicei um livro, que teve certa voga, e produziu algum fructo e fiz numerosas conferencias sobre o assumpto.

— A fabricação do precioso oleo pelos metodos modernos representa para a industria agricola de Guimarães um grande salto. A região importa anualmente cerca de 440 pipas de azeite e tem produzido de 20 a 60, conforme o ano. Mas eram, claro está, 20 a 60 pipas de veneno.

«Este lagar veio trazer para a região um grande beneficio: educar os paladares e melhorar a saúde publica da população. Já este ano vieram azeitonas de Famalicão para o lagar dos srs. Magalhães Couto e no fim os lavradores diziam, admirados: — Náuca imaginei que as minhas azeitonas dessem tão bom azeite.

«Estes srs. fabricam azeite com 0,90 e 2º de acidez.

— E a razão de só agora se estabelecer na região o sistema moderno?

— Um pouco a rotina e principalmente o preço do lagar, que fica bastante caro e trabalha apenas dois mezes no ano. Depois, como lhe disse, esta gente tem o paladar estragado, de sorte que não achia diferença entre o bom e o mau azeite, preferindo, portanto, sempre o mais barato, isto é, o peor.

Detivemo-nos depois ante alguns aparelhos agricolas tambem expostos pelos srs. Magalhães Couto.

— Aqui está um engenho util — disse o meu illustrado *cicerone* apontando-me um escarolador. — Para o Sul já não se usa o magual, sendo geral o emprego do escarolador. E' muito mais rapido e muito mais economico. Com ele duas pessoas obtem cerca de 400 litros de milho por hora. Com o mangual seriam precisas sete ou oito pessoas para obter o mesmo resultado, sendo necessario trabalharem sob um sol ardente a fim de o milho saltar e d'ahi, além duma canseira enorme, a frequencia dos ataques de insolação.

«O uso do escarolador vai-se introduzindo tambem no Norte.

— E no cultivo da terra propriamente dito?

— Nesse ponto não se tem progredido de maneira sensivel. Tudo ou quasi tudo se faz ainda pelos processos primitivos.

Os srs. Magalhães Couto expõem tambem lãs admiraveis, d'um niveo espumado sem a menor macula.

O sr. dr. Mota Prego vai me dizendo, a proposito:

— As lãs das ovelhas das lezirias cruzadas com as galegas dão um formoso merino, como vê pela amostra presente.

«A região tem hoje 1.800 ovelhas e podia ter 20.000 sem modificar o regimen agricola actual, com a produção media de 2 a 2 1/2 kilos de lã por cabeça. Computando por baixo o valor da lã em 5\$000 o kilo (hoje está muito mais cara) vê o lucro que neste particular o lavrador pode obter.

A proposito duma nova marca de vinho do Norte, *Verminhoto*, que appareceu na Exposição, o meu obsequioso e cultissimo informador comenta:

— Ha no fabrico dos vinhos um progresso apreciavel. Os vinhos verdes são asperos, com um certo pique desagradavel ao paladar.

Devido:

— Devido, como sabe (o jornalista calou de novo que não sabia nada...) a que a uva é colhida antes da perfeita

maturação e ao facto de fermentar com o engaço.

«Estes defeitos tem sido corrigidos, deixando-se maturar a uva e empregando-se o desengaçador. Obtem-se desta forma vinhos macios, amadurados. tipo Bordens, que são muito apreciados.

Passamos pelos *stands* hortícolas.

— Neste capitulo o Minho está bem representado. E' claro que não ha grandes prodigios, mas, como vê, estão ahi bons exemplares.

Entre os expositores hortícolas e pomícolas ha efectivamente alguns que merecem menção.

O sr. João Baptista Freitas Ribeiro apresenta uma interessante e copiosa amostra de fructa da sua Quinta de Touriz: um ramo de ameixeira massu, carregada de inacreditavel quantidade de fructas, cachos enormes de uvas já pintoras, enormes cebolas, uma grande colleção de peçegos (é a melhor da exposição), magnificas peras, etc.

Em cereaes e legumes tambem este expositor apresenta boas amostras de milho, feijão, centeio, ervilha, etc. Excitam a admiração dois enormes pés de milho, que, do torrão à corça ou pendão, devem medir mais de trez metros, um com trez e outro com quatro espigas.

O sr. D. João de Lindoso, que passa por nós, observa-me:

— A exposição agricola resente-se duma circumstancia bastante desfavoravel: não só o ano tem corrido muito hostil ao lavrador minhoto, mas é cedo para poderem ser apresentados os productos regionaes, que ainda não estão creados.

Vou tomando nota de alguns expositores:

Dr. Antonio Coelho Mota Prego: — Linhos, feijão, lãs, fructas, etc.

Dr. João da Mota Prego: — Os seus magnificos e benemeritos livros de propaganda agricola.

João José Marques de Freitas (de Segade, Caldas das Taipas): — Peçegos, uma abobora enorme; batatas, vinhos, vinagres, etc.

Joaquim Pinhão Leite: — Cebolas, batata holandeza, colondros, grandes repolhos.

Manuel Pereira: — Linhas, toalhas, mantas, lãs, etc.

Antonio Faria: — milho grosso, feijão, aguas ardentes, etc.

Manuel Afonso, da Casa de Brencé: — Excelentes fructas.

Dr. João de Paiva de Faria Leite Brandão, da Casa de Carvalho d'Arca: — magnificas magarocas de milho amarelo (do ano passado, está bem de ver), grandes cenouras, etc.

Antonio Leite de Castro, da Casa da Costa: — Batatas, milhos, centeios, etc.

Francisco Ribeiro Martins da Costa, da Casa de Agra: — Fructas, legumes, cereaes, vinhos, etc.

José Maria Gonçalves: — Fructas, cebolas, vasos de alfadega, uma enorme couve penca, etc.

Domingos Ribeiro Martins da Costa: — Lãs pretas e brancas, etc.

José Lopes: — Belos jugos minhotos.

Francisco Faria, de Corrodela: — Aguas ardentes, fructas, etc.

Alberto Faria, de Vizela: — Vinhos.

Manuel Joaquim Marques, da Quinta de Requião: — Vinhos, licores, etc.

(Continuação da 4.ª pag. — da 1.ª col.)

vegetação exuberante e os aromas subtis das rosas de toucar, tudo saindo de um fundo azul do nosso céu incomparavel — o amor á terra — à terra Mãe, segunda Mãe pelo carinho e benesses que nos dá prodigamente — e o sorriso inteligente e acolhedor — aquele sorriso que convence e domina, acalente e dá esperanças!

Que enorme e magnânima seria essa acção da mulher portuguesa — deter o êxodo dos nossos campos, essa força até hoje invencivel que põe para longe deles tantos milhares de braços, cujo trabalho lhes é tão preciso e cuja falta tanto se faz sentir!

A deserção dos campos é tão grande, que, actualmente, nos países onde mais se faz sentir esta corrente migratória, todos os economistas e políticos procuram debelá-la.

O Dr. Laur, como representante da Suíça no décimo Congresso Internacional de Agricultura, realizado em Grand em 1913, onde se fizeram representar vinte-e-oito nações europeias e americanas, no seu bem documentado relatório tratou deste assunto com profundos conhecimentos de causa.

Para ele a mulher do campo dotada de uma solida e bem orientada instrução, que lhe permita ter da vida uma séria concepção, deve ser quem ha-de incutir na mocidade campesina o amor e afincio ao torrão, onde nasceu, enamorando-a das belezas da vida campestre e fazê-la considerar que a cultura do patrimonio nacional é a mais bela profissão de homem livre.

Com ele está o grande estadista Jules Méline, um dos ministros franceses que mais honrou a pasta da Agricultura, afirmando nesse mesmo Congresso: «Tenho a profunda convicção que a mulher sustenta hoje a chave do problema agri-

cola e que, em país algum, se não fará sem ela o ressurgimento da terra: a deserção dos campos começou pela mulher e sem ela continuará com os seus estragos.» E no seu livro «Le Retour à la Terre»: «De todas as formas que se podem empreender, se se deseja impedir a deserção dos campos não ha nenhuma de maior urgencia do que o ensino ás mulheres.»

O grande professor belga Paul De Vuyst diz no seu relatório «L'enseignement agricole comme moyen d'enrayer l'êxode rural, referindo-se á «fermière»: «Inculcando aos filhos os habitos e o gosto pela vida de campo, é não será ela quem ha-de impedir o êxodo rural, que está ameaçando tornar-se um flagelo do nosso tempo?»

«E' que este êxodo não resulta só de causas economicas, mas tem até o inicio em causas de ordem moral, que só uma educação verdadeiramente agricola pode suprimir.»

E a puerilcultura tão descuidada pelas nossas gentes do campo pela absoluta ignorancia das mais rudimentares regras de higiene, é quanto lucraria com a instrução da mulher portuguesa?

Constatam as estatisticas uma grande mortalidade nas crianças das primeiras idades. A medicina estudou o facto e apontou como causas principais a falta de higiene e de alimentação proprias dessas idades.

Rosadas e gentis crianças dos nossos campos, i como essas côres e essas graças angelicas seriam sempre vossas: se vossas mães conhecessem mais de perto as vossas necessidades fisicas!

Mães, que ao menos desconheçais sempre a causa da palidez de vossos filhos, para que da vossa bôca não saia o anátima terrivel para a sociedade que vos não protege e vos não instrue.»

lados a uns espadeladores, encontrei santinhos, espelhos, emblemas diversos e num deles até o retrato da espadela-deira, a sr.ª Rosinha das Neves (segundo a legenda entalhada na madeira), uma guapa moçoila, a quem é de justiça reconhecer a posse de uns lindos olhos e dum rico palminho de cara.

Este vai já muito longo e não posso estende-lo mais sem grave risco de occupar metade do jornal.

O sr. dr. João da Mota Prego deu-me ainda preciosas informaçoes sobre o fabrico da manteiga, sobre o linho de Guimarães, etc.

Como os ensinamentos do sabio agronomo são em todo o tempo oportunos e proveitosos, num dos proximos numeros dará *A Epoca* as notas que o seu redactor tomou do mais que lhe disse tão obsequioso e culto informador.

S. Lourenço de Cima do Selho, agosto de 1923.

(Do importante Diario de Lisboa A Epoca)

# Ecos de Guimarães

ANO VII

Publicação Semanal — Orgão Monarquico — Tiragem 2.000 exemplares

N.º 29

Assinaturas	Anuncios	O "Ecos de Guimarães,"	Ex.º Sr.
Portugal . . . . . 7\$500	Anuncios e comunicados por linha . \$200	É o jornal de maior tiragem e circulação no concelho de Guimarães.	
Colónias . . . . . 10\$000	Repeição. \$150		
Espanha . . . . . 10\$000	Permanentes, contrato especial.		
Brazil . . . . . 15\$000	Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	Agradecemos a todos os nossos amigos que nos indicarem os nomes de novos assinantes.	
Outros países. . . . . 20\$000			